

GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)

Rayane Ribas Martuchi

UNISAL – CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO
rayane.martuchi@gmail.com

Resumo

Este trabalho teve por objetivo investigar as concepções de profissionais de psicologia sobre a temática de sexualidades e gênero. Realizou-se entrevista semi-estruturada para a coleta de dados e o método de Análise de Conteúdo para categorização dos resultados. Participaram deste estudo quatro psicólogas(os) residentes na região de Campinas - SP. Os resultados sobre gênero apontam para os elementos: identificação em relação a si mesmo e reconhecimento dos outros; complexidade; expectativas familiares e sociais; relações de poder; conflito e confluência de aspectos biológicos e culturais. Quanto à sexualidade, os elementos emergentes das falas das(os) participantes apontaram para a sexualidade como o exercício do desejo sexual e afetivo; forma de se relacionar consigo mesmo e com o mundo; acréscimo de imposições sociais e familiares e postura essencialista observado em dados trechos ao apontarem a sexualidade como construto hora fluido, hora norteado. As(os) psicólogas(os) entrevistados vislumbram a relação entre gênero e sexualidade, sendo recorrente a confusão entre as esferas do desejo, no campo do direcionamento da afetividade para com o outro; e identidade, ligado às esferas de masculino e feminino. Embora observado o posicionamento de aceitação e acolhimento, ainda assim, as(os) entrevistadas(os) demonstraram perspectiva heteronormativa quanto à sexualidade; e o construto gênero suscitou reflexão apenas pela inversão à norma. Conclui-se sobre a necessidade de pesquisas e aprofundamento dos temas de gênero e sexualidade durante a formação do profissional de psicologia, igualmente a formação continuada para as(os) psicólogas(os) das diversas áreas para melhor compreensão e atuação diante de demandas da atualidade.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Formação do Psicólogo, Pesquisa Qualitativa.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de identidade como um fato social e não natural é discutida por Ciampa (1984), sendo constituída em relação singular e coletiva, é composta por inúmeros aspectos que se unem, em uma totalidade contraditória e múltipla, passíveis de reformulações, ajustes e mudanças.

Os autores Oliveira e Souza (2006) embasados por Heilborn (1996) e Osterne (2001) resgatam que o uso da categoria gênero em trabalhos acadêmicos nacionais proporcionou reflexões sobre diferenças entre masculino e feminino, abstendo o determinismo biológico do termo “sexo” ou “diferença sexual”. Tal termo “gênero” assumiu sua base relacional, destacando as dinâmicas das

relações sociais, analisando contextos históricos, opondo-se à concepção de características biológicas como definidoras de identidade sexual, por si mesmas.

A psicologia vem sendo convocada a refletir sobre as questões de gênero, conforme o Conselho Federal de Psicologia (CFP) orienta para superação de visões, discursos e práticas por meio de ações de comunicação, debates democráticos e em discussão do papel da Psicologia nesta temática, segundo o Jornal do Federal (2015).

Este trabalho pretende oferecer reflexão crítica sobre o discurso e prática dos profissionais de psicologia no que tange à abordagem das temáticas de gênero e sexualidades, reconhecendo-os como agentes que impactam e são impactados nas inter-relações de poder, cabendo à Psicologia a revisão constante de suas práxis (JEÔNIMO & COUTO, 2014).

Para a realização desta pesquisa, tivemos por objetivos centrais investigar a concepção de psicólogas(os) em relação ao tema identidade de gênero e sexualidades, bem como a compreensão de como as temáticas são empregadas na prática profissional.

2 METODOLOGIA

Foram entrevistados quatro profissionais de psicologia, duas mulheres e dois homens, que atuavam em Campinas – SP e região, em diferentes áreas como clínica, saúde pública e mental, docência e acadêmica, com perspectivas teóricas variadas e tempo de formados de quarenta e cinco, seis, cinco e um ano. Estes profissionais foram contatados através de e-mail e telefone, de forma aleatória, por indicação de professores da UNISAL e divulgação em mídias sociais e concordaram em participar voluntariamente do estudo.

Utilizou-se a entrevista semi-estruturada, roteiro elaborado com núcleos temáticos serviram apenas como norteadores: abordagem da temática durante a formação universitária; atuação com demandas nos referidos temas; concepções sobre gênero e sexualidade e suas relações.

Ao iniciar o diálogo com a(o) psicóloga(o), foi apresentado o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e reforçado verbalmente sobre os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos. Os nomes adotados neste trabalho são fictícios. O material coletado foi compreendido por meio de Análise de Conteúdo (AC) (MINAYO, 2014).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados foi feita sob discussão em torno do que as(os) participantes entendem por gênero e sexualidade bem como suas práticas nas diversas atuações profissionais. Apresentam-se as categorias de respostas (unidades de sentido) relacionadas às questões norteadoras contempladas nas entrevistas.

3.1 GÊNERO

Tabela 1 - Distribuição de categorias de respostas relacionadas à gênero

Categoria de respostas
Complexidade
Relação de poder
Perceber-se no mundo

Fonte: da autora

No tema gênero observou-se os elementos: identificação em relação a si mesmo e reconhecimento dos outros, ligadas às esferas da feminilidade e masculinidade; complexidade; expectativas familiares e sociais; relações de poder; conflito e confluência de aspectos biológicos e culturais.

3.1.1 Complexidade

Iniciaremos a reflexão com as seguintes falas quando tão logo indagado sobre “o que é gênero?”: *Essa é mais complexa, é... (respiração profunda), gênero é.. difícil.. (Joana). Isso é difícil hein? (risos) isso é difícil... você diz de gênero assim, transexual? Essas coisas? (Daniel). (Silêncio 4s) gênero...? bem... (Alexandre). Assim.... Explica um pouco melhor essa identidade de gênero.... [...] alguém se identificar como homem ou mulher? (Marta).* Os excertos apresentados marcam dificuldades das(os) participantes em discorrer sobre o tema.

3.1.2 Relação de poder

Explicitamente marcado pelo movimento social, Joana *como feminista, pelo menos*, entende *algumas questões como questões de gênero, em que incluso também uma questão de poder, entre classes que são dominantes, por exemplo a dos homens e das mulheres, então, as questões de gênero que são esperadas das mulheres são questões que levam pra uma submissão, [...] por exemplo relacionamentos abusivos heterossexuais* aproxima-se com o postulado de Beauvoir, conforme citado por Piscitelli (2009), ao tratar gênero como construção social vinculado a dominação masculina, assim como a noção de que *gênero é [...] um conjunto de.. é... de papéis que são esperados das pessoas, é... por terem nascido com sexo A ou sexo B... ou C, ele tem um aspecto de imposições em sua maioria ou expectativas que as pessoas tem sobre os outros, de como eles devem agir por serem homens entre aspas, mulheres, entre aspas (Joana).*

Nas respostas das(os) participantes não foi mencionada questões étnico/raciais, classe social ou idade, bem como o poder empreendido pelas instituições tais como igreja, governo, práticas educacionais, justiça. A supressão desses aspectos denota necessidade de compreensão dos temas gênero e sexualidades interseccionados com outras especificidades – idade, classe social, etnia/raça, para melhor percepção das intrincadas relações de gênero quando considerado tais particularidades. Dados importantes já apontados por Louro (1997) como fatores que compõe as relações de gênero e nas relações de gênero, uma vez que esta concepção de identidades que não são fixas, e sim plurais e múltiplas, que podem, até mesmo, ser contraditórias, estão presentes nas formulações dos Estudos Feministas e Culturais. Assim, ao afirmar que o gênero contempla a identidade do sujeito, inclui-se etnia, classe, etc., tem-se a pretensão de transcender o mero desempenho de papéis; as instituições (justiça, igreja, praticas educativas, governo, etc.) e práticas sociais são constituídas pelo gênero e também constituintes dos gêneros, são “generificados”, ou seja, produzem ou “engendram-se” a partir, e não somente, das relações de gênero.

3.1.3 Perceber-se no mundo

Esta categoria condensa a perspectiva das(os) participantes que concebem gênero como um modo de ser no mundo. Os excertos a seguir ilustram *a percepção de si mesmo, como eu me sinto, como eu me percebo... minha autoimagem, [...] como ela (a pessoa) se olha no espelho, como ela se vê... tanto o espelho físico como o subjetivo (Alexandre).* Para a psicóloga Marta *é um autoconceito, que seria assim: como é que eu me vejo? [...] um processo inconsciente, que vem através das identificações, dos modelos, de onde a pessoa vai se inserindo na sociedade.*

Já Daniel afirma que gênero se refere à como a pessoa se identifica, *o gênero dos transexuais [...] é uma mulher que tem uma genitália masculina, mas se identifica como uma mulher... é uma identificação dela no mundo.*

Nas novas concepções de gênero, referenciadas por Butler (2015), discutem as categorias de sexo e gênero como indiferentes entre si, afinal, a categoria sexo sempre foi lida com os atributos culturais de gênero, deste modo, sexo e gênero ocupam o mesmo *locus*, pois, até mesmo o sexo não advém de atributos essencialistas.

Assim como o psicólogo Alexandre menciona a *pluralidade de gêneros ela já tem seu lugar simbólico e que ninguém consegue tirar da existência de todos, mesmo antes de existirmos isso já existe na existência*, a partir desta passagem, é possível traçar paralelo com a teoria butleriana de que gênero é discursivamente posto e repostado pela repetição à norma. De modo que não há a norma que precede os sujeitos engendrados, e sim, são os próprios sujeitos que produzem e se inserem nas normas de gênero através da performatividade. No cerne das regras que regulam as identidades inteligíveis está a heteronormatividade que opera através da repetição.

Para Louro (1997) advém do movimento feminista a ideia de multiplicidade e fluidez das identidades presentes nos relatos que compuseram este estudo, as contribuições de tal movimento social para as formulações e discussões. Alexandre desfruta do movimento feminista para *rever as minhas visões sobre sexualidade humana, é como traz uma brisa fresca pra ideia que já estão muito antigas e muito quentes ali (risos).. me abre bastante a visão pra essas coisas.*

3.2 SEXUALIDADE

Tabela 2 - Distribuição de categorias de respostas relacionadas à sexualidade.

Categoria de respostas
Diversidade de fatores
Paradoxo

Fonte: da autora

As(os) participantes de modo geral, concebem sexualidades no sentido bi ou homoafetivo, como se a heterossexualidade não fosse uma face da sexualidade humana, ou, denotando postura pautada na norma heterossexual, ou seja, a heterossexualidade é admitida como padrão, portanto, desnecessária de ser destacada.

3.2.1 Diversidade de fatores

As concepções sobre sexualidades variam entre combinação de biologia e cultura; processos e experiências únicas; construção ao longo da vida que depende de como *a pessoa da maneira que ela se insere no mundo (Daniel)*; influências de diversos fatores como *condições biológicas [...] da sociedade, da família, os pais, [...] toda essa condição cultural e material (Alexandre)*; *sexualidade é fluída, né, assim, ela muda, ela tem um norte mas ela muda, ela varia (Joana)*.

Na fala de Alexandre transparece a concepção de sexualidades como uma constituição dialética, pois *é um quebra cabeça, uma estrutura, mas é uma estrutura que eu vejo que tem ligações e suas peças são fortes e elas não deixam de existir [...] mas também ao mesmo tempo não é aquela coisa de ser tão [...] fixa*.

Butler (2015) revela que dentro da inteligibilidade das identidades, se faz presente a alienação do desejo sempre orientado para a heterossexualidade. A autora denomina assim de heteronormatividade compulsória, que opera dentro da repetição: o ato de nomear o sexo é ao mesmo tempo a repetição de uma norma e a limitação de uma fronteira, é um ato performativo de dominação e coerção para a construção de um autoconceito de corporeidade específico, desse modo, o gênero é inconstante e temporal, que, por meio de uma repetição é incorporada por gestos, linguagens e estilos. Contudo, em Butler, se o gênero é inconstante e performativo, não uma identidade pré-existente, uma vez que é necessária essa repetição para a manutenção desse autoconceito, cabe a reflexão de que o ideal de gênero nunca é completo, os corpos nunca obedecem totalmente às regras pelas quais sua materialização é fabricada, assim, a lei reguladora das subjetividades pode ser reaproveitada como dispositivo subversivo e de resistência para a desconstrução e desnaturalização das noções de feminino e masculino.

Podemos vislumbrar a ideia da heteronormatividade nos excertos da maioria das(os) participantes. Para Alexandre o exercício da sexualidade da pessoa é implicado desde antes do seu nascimento; reconhece que há no desejo dos pais certo balizamento da sexualidade da criança, muitas vezes evocando a heterossexualidade como a única possibilidade de orientação, mas, estas expectativas familiares não são definidoras da sexualidade, ainda há algo intrínseco do sujeito que de fato orienta seu desejo, nas palavras do próprio psicólogo: *quando a criança chega ao mundo, ela já não chega isenta, porque, eu acho que ela já foi formada há muito pelo psiquismo dos pais..[...] então a criança já nasce com seu psiquismo e ainda com toda essa carga de desejo dos pais, e nessa carga*

de desejos eu não vejo as outras opções... pra outras formas de viver afeto e buscar o prazer... então já tem uma primeira limitação significativa aí.

Ao contrário de algumas teorias feministas, Butler (2015) discute o gênero como fenômeno inconstante e contextual que não precede substância ou essência, e sim, uma intrincada convergência de relações culturais e históricas. Assim, esta autora não nega a noção de sujeito mas propõe o gênero como efeito, assumindo que a identidade é uma expressão e não um sentido em si do sujeito. Desta elucubração se origina a noção de *performatividade*: não existe uma identidade de gênero subjacente às expressões de gênero, a identidade, em si mesma, é a performatividade constituída.

Butler (2015) estende o pensamento de Foucault para as regulações de gênero como modalidade específica tem efeitos constitutivos sobre a subjetividade. A identidade inteligível é parcialmente estruturada sob uma matriz que hierarquiza, ao mesmo tempo, masculino e feminino e a heterossexualidade compulsória, uma vez que estamos diante de uma sociedade sob regida por uma coerência entre sexo/gênero/desejo em que a norma se faz a heterossexual.

3.2.2 Paradoxo

Do mesmo modo que o discurso de Marta nos remete a um paradoxo, em que o mais determinante são essas primeiras experiências afetivas, né? Os primeiros amores, os primeiros modelos, as primeiras identificações... [...] ao longo da vida também, [...] porque as experiências continuam né?

Marta demonstra compreender a sexualidade como uma polaridade em que predomina a atração por um único gênero, configurando a homossexualidade e heterossexualidade, nas palavras dela: *a minha tendência é pensar que esse, essa preferência, essa inclinação pro mesmo sexo tava reprimida, porque não me parece, porque depois realmente as pessoas se assumiram como homossexuais [...] (sobre um caso clínico em que a cliente que engravidou e casou-se com uma mulher) então eu acho que o mais forte nela era a homossexualidade.*

3.3 COMO AS(OS) PSICÓLOGAS(OS) LIDAM COM AS TEMÁTICAS NA PRÁTICA

Tabela 3 - Distribuição de categorias de respostas relacionadas a como os psicólogos lidam com as temáticas na prática

Categoria de respostas

Postura de aceitação
Preocupação com a constituição do sujeito
Incentivo a autoaceitação

Fonte: da autora

Este tópico busca compreender como as temáticas gênero e sexualidades são empregados na prática profissional das(os) participantes

3.3.1 Postura de aceitação

Em geral, as(os) participantes desta pesquisa denotaram estabelecimento de uma postura aceitadora ao serem questionados, bem como abstinência de preconceitos e julgamentos. Nota-se também o comprometimento com os sentimentos, emoções e conflitos de seus clientes, preocupação com o crescimento e bem-estar.

Alexandre procura criar dentro do *setting terapêutico de uma consideração positiva incondicional, né.. de uma aceitação de tudo o que e o outro apresenta, de.. não colocar meus julgamentos e meus juízos de valor né.. e simplesmente permitir que esse espaço seja um espaço que a pessoa se apresente como ela quer, que ela venha como ela me vier.*

Nesta direção, esta preocupação também se mostra evidente na fala de Daniel, em incentivar deliberadamente as pessoas que o procuram a aceitarem quem são, *sem medo de julgamentos, sem preconceito, ele estar bem consigo mesmo.*

3.3.2 Preocupação com a constituição do sujeito

Esta categoria evidencia a preocupação das(os) participantes com o modo com que o sujeito é constituído, Daniel aponta que seu trabalho se inclina a *trabalhar o que significa essa demanda para esse paciente, da onde que ela surgiu, tem que olhar quem é essa pessoa, da onde ela veio, como que ela se constituiu no mundo, o que ela pensa a respeito de si mesma.*

3.3.3 Incentivo a autoaceitação

A psicóloga Marta, por sua vez, diz da importância de fazer emergir as introjeções que os próprios clientes internalizaram e a autoaceitação como possibilidade para mudança, compreendendo

a autoaceitação como estratégia para enfretamento do preconceito: *aí é todo um trabalho, que você vai fazendo com a pessoa de desenvolver mais a autoconfiança, o autoapoio, a autoaceitação, principalmente, quanto mais a pessoa se aceita, menos ela vai depender da aceitação dos outros, né?*

Nesta direção, esta preocupação também se mostra evidente na fala de Daniel, em que se dá a importância de *incentivar ele a ser aquilo que ele é, sabe, sem medo de julgamentos, sem preconceito, ele estar bem consigo mesmo.*

3.4 RELAÇÃO GÊNERO VERSUS SEXUALIDADE

Tabela 4 - Distribuição de categorias de respostas com relação à gênero versus sexualidade

Categoria de respostas
Distinção entre gênero e sexualidade

Fonte: da autora

Este tema pretende condensar as respostas das(os) participantes do que se refere a relação existente ou não entre gênero e sexualidade e suas implicações. As(os) psicólogas(os) participantes vislumbram a relação entre gênero e sexualidade, sendo recorrente a confusão entre as esferas do desejo, no campo do direcionamento da afetividade para com o outro; e identidade, ligado às esferas de masculino e feminino.

3.4.1 Distinção entre gênero e sexualidade

A psicóloga Joana afirma que gênero e sexualidade se relacionam, nota-se em sua concepção que orientação sexual em suas diversas nuances se articula de maneiras distintas com gênero, por exemplo relacionamentos abusivos. Joana indica concepção nítida ao diferenciar sexualidade e gênero, devido a uma fazer referência ao desejo e a outra à identificação social. Na fala da própria participante: *quando você nasce homem (participante faz sinal de aspas com as mãos) você, é esperado que você seja heterossexual, é... quando você nasce mulher (participante faz sinal de aspas com as mãos) é esperado que você seja heterossexual, então desde o começo já tem uma ligação ai, né.. as pessoas esperam que você siga tal caminho ou outro, enfim, desde pequeno.*

Alexandre compreende que a percepção de si é marcadamente pela afetividade e a partir dela que a sexualidade é exercida, faz distinção das práticas sexuais e das construções culturais decorrentes

da identificação de gênero evidenciando distinção entre gênero e sexualidade. Para este psicólogo *estar com o outro vai ser baseado nessa minha percepção, então a minha sexualidade vai estar assim. [...] muito marcadamente, afetivamente e sexualmente. E acho que não existe tanta classificação de gênero para as possibilidades humanas que possam haver”.*

A distinção entre gênero e sexualidades na compreensão do psicólogo Daniel parece contraditória. Daniel utiliza o exemplo de Thammy Miranda (filho da cantora Gretchen), celebridade que recentemente transicionou para a identidade masculina através de cirurgias e adequações estéticas, revelando, ao mesmo tempo, compreensão da mudança empreendida pelo artista e confusão quanto a denominação. Apesar de sua compreensão teórica a despeito destes dois construtos, ainda utiliza pronomes e vocativos no feminino, contrapondo a própria identificação do Thammy. Vejamos nas palavras de Daniel: *por exemplo, é... se for ver o caso da filha da Gretchen, a Thammy Gretchen, se você pegar anatomicamente falando ela é uma mulher, mas e o gênero dela? Ela se identifica como homem... então... é mais fácil você enxergar ela do gênero que masculino que é como ela se porta no mundo, como que ela se identifica no mundo, como que ela gosta dela no mundo, do que pensar ela como do gênero feminino.*

Louro (1997) nos ajuda ao evidenciar que mesmo que intrinsecamente relacionadas, gênero e sexualidade são distintos entre si, e esta distinção se faz importante ao analisarmos os diferentes arranjos que podem configurar quando há justaposição destas duas categorias, ou seja, conforme foi mencionado pela própria amostra deste estudo, no fenômeno da transexualidade está presente a questão da identificação e percepção de si enquanto pertencente a um ou outro gênero que faz elo com o direcionamento que seu desejo afetivo e sexual, assim, é possível um grande espectro de combinações destas duas nuances, basta pensarmos em mulheres transexuais (pessoas com conformação genital masculina que se identificam com o gênero feminino) que, mesmo construindo seus corpos e identidades sob os signos da feminilidade, seu desejo se mantém orientado para o gênero feminino, remontando então uma mulher transexual lésbica, assim como poderíamos exemplificar com mulheres transexuais heterossexuais ou ainda bissexuais, afinal, o objeto para o qual o desejo é direcionado caracteriza a sexualidade, ou seja, é a expressão da atração afetivo sexual, outra faceta é o modo como se portar no mundo a partir dos signos culturais ditos femininos ou masculinos, decorrente de uma conformação genital ou não (SARAIVA, 2014; RODRIGUES, CARNEIRO & NOGUEIRA, 2014).

Fazendo uso do pós-estruturalismo parece ser possível compreender os gêneros para além de masculino e feminino como polos dicotômicos em posição de distinção e oposição, como pontuado

por Scott segundo Louro (1997). Alguns participantes contribuíram para esta análise, uma vez que demonstraram a percepção de que uma pessoa pode não internalizar por completo todos os signos de feminilidade assim como pode não apropriar-se dos signos de masculinidade, os sujeitos são sempre uma amálgama de elementos que culturalmente adotamos como femininos ou masculinos, mas, que não contém estes essencialismos em si mesmos, os atributos femininos ou masculinos são dados pelos próprios sujeitos que os interpretam assim, não pelas coisas em si. Para isso, as contribuições pós-estruturalistas nos ajudam a desconstruir as lógicas contidas no interior das normas de gênero, lança luz para novas interpretações, combinações e ressignificações sobre masculinidades e feminilidades.

4 CONCLUSÃO

Com base nos resultados e discussão apresentados, podemos apreender em meio às concepções bastante variadas e a recorrente dificuldade em discorrer sobre, que este assunto não é pauta de reflexão crítica recorrente. Assim, para estas psicólogas(os), gênero refere-se apenas e tão somente às inversões à norma, como, por exemplo, transexuais e travestis que reivindicam o pertencimento ao gênero oposto ao esperado.

Aproximando-se ao gênero, quando observado que as respostas que dos participantes são sempre ligadas às sexualidades que diferem da heterossexualidade, denotando então, que, a heterossexualidade é concebida de forma corriqueira, assim, somente é considerada a bissexualidade ou homossexualidade.

Concluindo, assim como gênero, e sexualidade é vista de forma segmentada. Remetendo, portanto, gênero e sexualidade de forma descolada das pessoas que seguem a norma social: pessoas cisgêneras (genital e identidade de gênero em consonância) e heterossexuais. Desse modo, somente diante de pessoas dissidentes das normas de gênero ou pessoas não heterossexuais é que as questões de gênero e sexualidade se fazem presentes e significativas de reflexão.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015. 8ª ed. 287 p.

CIAMPA, A. C. Identidade. In LANE, S. T. M. **A Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Despatologização trans, por um mundo não binário. **Jornal do Federal**. Brasília. Agosto. 2015. Direitos Humanos. p. 16-17. Disponível em <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2015/09/JornalFederal_Agosto_web.pdf> Acesso em: 30 set. 2016

LOURO, G. L. Gênero, sexo e sexualidade. In_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 37-56.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. In_____. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 261-297.

OLIVEIRA, D. C.; SOUZA, L. Gênero e violência conjugal: concepções de psicólogos. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro. vol. 6, n.2. 2006. p. 34-50. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v6n2/v6n2a04.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009. p. 116-149.

RODRIGUES, L.; CARNEIRO, N. S.; NOGUEIRA, C. Transexualidades: olhares críticos sobre corpos em crise. In: JESUS, J. G. **Transfeminismo teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. p. 137-156.

SARAIVA, M. S. Gênero e orientação sexual: uma tipologia para o movimento transfeminista¹. In: JESUS, J. G. **Transfeminismo teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. p. 43-68.

TEIXEIRA FILHO, F. S.; PERES, W. S.; RONDINI, C. A.; SOUZA, L. L. *Queering*: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea. Cuiabá: EDUFMT, 2013. Resenha de: JERÔNIMO, A. C.; COUTO, H. C. C. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 6, n. 1, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 out. 2016.